

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Sexo é um grande tema humano [Sex is a great human subject]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Doria, Pedro
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 22:38:25
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162536

coloca em cena uma fantasia que as pessoas gostam de dizer que vêm de fora, quando na verdade vem de dentro. Se uma pessoa assiste a um filme pornográfico e se excita com aquilo, ela pode pensar “ah! mas aquilo é lá, é um outro que está vivendo aquilo”. Mas, na

verdade, essa pessoa está batendo num reflexo de uma fantasia interna. A pornografia é uma dupla face. Ela se vende como uma algo liberal, quando na verdade ela pode estar sendo usada para recalcar a própria fantasia de quem a consume.

“Sexo é um grande tema humano”

Entrevista com Pedro Doria



Pedro Doria estudou jornalismo na UFRJ, escreve no site NoMínimo (www.nominimo.com.br) e é colunista da Revista da **Folha de S. Paulo**.

Publicou, em 1995, o **Manual para a Internet**. Rio de Janeiro: Revan, 1995, primeiro livro brasileiro sobre a rede. Ele acaba de lançar o livro **Eu gosto de uma coisa errada** (Rio de Janeiro: Ediouro, 2006), que fala sobre a pornografia e a sexualidade na era da internet. Doria concedeu

uma entrevista na 145ª edição da **IHU On-Line**, de 13 de junho de 2005, sobre weblogs. A entrevista que segue nos foi concedida por e-mail.

IHU On-Line - Qual a motivação para escrever um livro-reportagem sobre o comportamento sexual no Brasil, na era da Internet?

Pedro Doria – O livro é uma coleção de reportagens publicadas em NoMínimo e na Revista da **Folha de S. Paulo**. Poucas coisas rendem melhores histórias do que os momentos extremos da vida – é quando somos todos mais humanos, mais sinceros. Pode ser em meio à violência extrema, perante o risco de vida, nos momentos de grandes decisões e, muitas vezes, numa relação sexual. Há muita emoção envolvida, alta fragilidade, muita cobrança social, sexo é um grande tema humano. Portanto, um grande tema jornalístico. Este é um motivo. O segundo motivo é que sexo não é bem coberto pela imprensa em geral. A imprensa fala de sexo – sexo vende, afinal –, mas fala ou com um tom de sacanagem ou com um tom

moralista. Ou procura o lado picante do sexo ou o criminal. Sexo como sexo, é difícil encontrar.

IHU On-Line - Quais os casos mais relevantes no seu livro-reportagem?

Pedro Doria – Não sei se há um caso mais relevante que o outro. Talvez, porque ela ficou popular, uma das reportagens traz a primeira aparição da Bruna Surfistinha¹⁸ na imprensa, eu a

¹⁸ **Bruna Surfistinha**, nascida em São Paulo, em outubro de 1984, foi o pseudônimo adotado por **Raquel Pacheco**, prostituta e atriz pornô brasileira, que se tornou célebre através da internet a partir de 2005. **Bruna Surfistinha** ganhou milhares de acessos ao montar um blog onde falava de sua vida, do que fazia com seus clientes. Esse blog logo atraiu a atenção dos internautas, atingindo cerca de 15 mil visitas diárias ao site. Em pouco tempo atraiu também a atenção da imprensa. Ainda sob os auspícios da fama de seu blog, **Surfistinha** publicou pela **Panda Books**, de São Paulo, em 2005, o relato de

descobri. Mas, enfim, tentei conhecer tantas facetas quantas possíveis: fui a um clube de *swing*, estive nas filmagens de um filme pornô, passei, sem roupa, alguns dias numa pequena cidade nudista aí no RS (onde sexo é um megatabu), acompanhei um casal que buscava parceiras para um ménage pela noite paulistana... no fim, acho que as histórias são mais relevantes pelo conjunto do que em separado.

IHU On-Line - Quais as principais mudanças percebidas no comportamento sexual antes e depois da Internet?

Pedro Doria – A Internet torna o sexo público, basicamente. Quando eu era adolescente, ter acesso à imagem de uma mulher nua envolvia um certo malabarismo para comprar uma *Playboy* da vida. Quem foi adolescente nos anos 1950, 1960 ou 1970 tinha ainda maior dificuldade. A revolução sexual nos anos 1960 permitiu até que a nudez chegasse com alguma constância às telas do cinema, mas ainda assim era discreta, tinha o tal de “no contexto da personagem”, etc. Talvez a maior mudança trazida pela Internet é que o sexo explícito é a nova nudez. Encontrar sexo na rede é tão fácil que, aos poucos, vai impressionando menos, chocando menos. O resultado é que aqui e ali, no cinema independente, começamos a ver pênis eretos, sexo oral, passadas de mão – até, eventualmente, penetração. Em alguns anos ouviremos atrizes falando que fazem sexo no filme, sim, desde que “seja no contexto” da personagem, desde que seja importante para a história. E isso é bom: livrando-nos dos tabus, a informação fica mais franca, mais clara. Informação franca e clara evita estresse emocional, gravidez involuntária, transmissão de doença.

sua vida, intitulado *O Doce Veneno do Escorpião - O Diário de Uma Garota de Programa*. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Por que a pornografia é vista como "uma coisa errada"?

Pedro Doria – Sexo é algo íntimo, pessoal, um momento de fragilidade e entrega emocional e, por isso, todas as culturas impõem algum tipo de limite para sua divulgação. De uma forma ou de outra, sempre há um tabu sexual. Quem é contra pornografia costuma usar um dos seguintes argumentos: vulgariza o sexo que deveria ser um ato de amor; estimula a prática de sexo por quem não deveria fazê-lo; impõe às mulheres um papel subalterno, faz delas meros objetos sexuais. Mas há bons argumentos de defesa. Pornografia ensina, mostra como é. Mulheres não são necessariamente objetos: muitas atrizes de filmes pornôs falam isso. Algumas gostam do que fazem e têm o direito de fazer o que quiserem com seus corpos. Sexo é um ato de amor, mas não apenas. É também um ato de prazer. E sexo por prazer não necessariamente inclui amor. Por fim, ninguém faz sexo porque teve acesso à pornografia. Sexo se faz porque somos programados, organicamente, para fazê-lo.

IHU On-Line - Qual é o perfil do consumidor de pornografia e dos personagens da revolução sexual provocada pela Internet?

Pedro Doria – São gente como eu e você.

IHU On-Line - Como se constitui hoje a indústria pornográfica no Brasil?

Pedro Doria – Depende do que você chama de pornografia. Se vale nudez, então está nas páginas e telas produzidas pelas grandes empresas de comunicação. Se é para incluir objetos, vibradores e “quetais”, é uma indústria em crescimento que busca cada vez mais o mercado feminino. Mulheres estão se interessando. Se é apenas filme pornográfico, o mercado também está crescendo, gastando mais nas produções e incluindo, aos poucos,

celebridades, chacretes, ex-namoradas de estrelas do futebol e ex-galãs de novela.

IHU On-Line - Quais as principais diferenças entre pornografia e sexualidade?

Pedro Doria - Pornografia é uma palavra inventada na Inglaterra, no século XIX. Sua origem é grega, quer dizer escrita sobre prostitutas. Mas para

cada pessoa a quem perguntarmos, pornografia será definida de uma forma diferente. Há quem prefira fazer uma distinção entre pornográfico e erótico. O pornográfico tem o objetivo de excitar; o erótico tem conteúdo artístico. Mas quem define o que é arte e o que é para excitar? Por que arte não pode excitar? Prefiro não fazer qualquer distinção.

“A pornografia transforma o sexo em objeto de consumo”

Entrevista com Carla Rodrigues

Carla Rodrigues, carioca, é jornalista há 21 anos. É colunista da revista online Nominimo, na qual escreve sobre assuntos de gênero. É mestrandia em Filosofia na PUC-Rio e professora no Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Na entrevista que segue, concedida à *IHU On-Line* por telefone, Carla afirma, entre outras coisas, que hoje nada mais é tabu no sexo, desde que seja consenso entre as pessoas envolvidas.

IHU On-Line - O que podemos definir por pornografia hoje?

Carla Rodrigues - A pornografia está tão difundida e tão naturalizada, que não conseguimos mais dizer o que de fato é pornográfico, neste sentido que estamos acostumados a pensar:: como algo impedido, escondido. Hoje, a pornografia está tão espalhada pela TV, pela internet e pela banca de jornal, que já perdeu os limites. Quando assistimos à televisão, há uma série de programas que foram se erotizando, de tal maneira que não conseguimos mais fazer a distinção clara entre o que é pornográfico e o que é apenas erótico. O pornográfico passa a ser apenas sexo explícito, mas qual é o critério para definirmos assim? Esse é o primeiro problema. Consumimos de tal maneira imagens eróticas, que não sabemos mais fazer a diferença entre pornográfico e não-pornográfico.

IHU On-Line - A desigualdade sexual se manifesta no universo da pornografia?

Carla Rodrigues - Manifesta-se, sim, na medida em que os corpos femininos historicamente, sempre foram vistos e manipulados na pornografia como objetos. Essa é a crítica principal das mulheres à pornografia, que as transforma em partes de objetos. As mulheres podem se reduzir a um par de seios ou a uma bunda, ou a uma vagina. Já não é mais a mulher que está ali. São fragmentos de uma mulher. Em contrapartida, há também um movimento de democratização da pornografia. Hoje vemos também os homens sendo transformados, os corpos masculinos estão virando também objetos. Podemos ver a pedofilia como um movimento de transformar igualmente os corpos infantis em